PROJETO DE INDICAÇÃO Nº 765/13

Considerando a ainda frágil disseminação do hábito da leitura e do pouco acesso ao livro em razão do seu alto valor, da falta de incentivo à leitura, da evasão escolar, entre outros motivos, o que está relacionado à situação da população negra como maioria nas camadas inferiores da sociedade soteropolitana, metonímia da população negra nas demais grandes cidades brasileiras;

considerando o caráter de transformação social e cultural para o cidadão, e para a população negra em particular, que o acesso à leitura proporciona;

considerando a existência de uma literatura negra como vertente da literatura brasileira, desenvolvida desde o século XVIII com Domingos Caldas Barbosa, desde então legada ao ostracismo pelo cânone literário brasileiro, apesar da notória produção literária, dentre outros, Maria Firmina dos Reis, Teixeira e Sousa, Cruz e Sousa, Luiz Gama, e Machado de Assis no decorrer do século XIX e que têm suas vivências de negros excluídas de suas biografias e das análises literárias;

considerando que a literatura negra brasileira resiste diante das inúmeras adversidades forjadas pelo racismo sistêmico brasileiro como a assim reconhecida "Imprensa Negra", alcunha que reuniu rica diversidade de jornais produzidos por negros em algumas das principais capitais brasileiras durante as décadas de 1910 a 1940, enfraquecida pela ditadura do Estado Novo (1937-1945) e que cassou, inclusive, a Frente Negra Brasileira, maior organização política negra existente no Brasil republicano, o jornalista Lino Guedes, autor de mais de uma dezena de livros prosa e poesia publicados no período supracitado;

considerando a literatura negra de resistência e isolamento de autoras e autores como Solano Trindade, Ruth Guimarães, Eduardo de Oliveira, Carlos de Assumpção, Oswaldo de Camargo e do fenômeno editorial Carolina Maria de Jesus, que vendeu cem mil exemplares da primeira edição do livro "Quarto de Despejo" em 1960, traduzido para treze idiomas e tendo sua obra pesquisada em universidades estrangeiras há décadas;

considerando o dinamismo que a literatura negra adquiriu no decorrer dos anos 1970, enfrentando a ideologia da democracia racial propagada pela ditadura militar, que os escritores eram obrigados a utilizar meios "independentes", para além do fazer literário, cuidavam da diagramação de seus textos, da edição por meios artesanais, distribuição e venda direta ao público leitor em espaços de ampla circulação negra, como os bailes *blacks*

ou escolas de samba, ou em espaços marginalizados desassociados da leitura, dentre outros, como em comunidades, presídios ou casas de recuperação; quando muito lançavam seus títulos por editoras de pouca expressão; esse processo consagrou-se na literatura brasileira como Poesia Marginal ou Geração do Mimeógrafo, entretanto, como os escritores negros demonstravam a discriminação racial em seus textos, foram excluídos pela crítica especializada, pelas editoras e universidades;

considerando a efervescência proporcionada pela rearticulação dos movimentos socioculturais e políticos negros durante as décadas de 1970 e 1980, com destaque para o bloco Ile Aiyê na cidade de Salvador, mais os coletivos literários como o Grupo Palmares em Porto Alegre/RS, GENS em Salvador, o Garra Suburbana e o Negrícia no Rio de Janeiro, Cadernos Negros e Quilombo hoje em São Paulo;

considerando a quantidade de livros de autoria negra em torno do ano de 1978, o 90º aniversário da abolição da escravatura, tais como "Memória da noite" de Abelardo Rodrigues, "Poemas da Carapinha", de Cuti, "Cadernos Negros 1", e no ano seguinte "A descoberta do frio" de Oswaldo de Camargo e "O Arco Íris-Negro", de José Carlos Limeira e Ele Semog;

considerando a visibilidade atingida pela literatura negra e seus escritores em jornais, crítica especializada, universidades e eventos literários no decorrer dos anos 1980, fato até então inédito e impulsionado por antologias publicadas no Brasil e no exterior, tais como "Axé – antologia contemporânea da poesia negra brasileira" (1982), de Paulo Colina, "A razão da chama - antologia de poetas negros brasileiros" (1986), de Oswaldo de Camargo, "Schwarze Poesie", de Moema Parente Augel, "Poesia negra brasileira" (1992), de Zilá Bernd, "Schwarze Prosa" (1993), de Moema Parente Augel, e a continuidade da série anual "Cadernos Negros"; dos livros de ensaios, dentre outros, "Raça e cor na literatura brasileira" (1983), do brasilianista David Brookshaw, "Reflexões sobre a literatura afro-brasileira" (1985)", do Quilombhoje, "O negro escrito" (1987), de Oswaldo de Camargo, "Criação crioula, nu elefante branco" (1987), de Miriam Alves et alli;

considerando a urgência dessa que se configurou como a primeira geração de escritores negros, uma vez que conseguiram atuar de forma coletiva, o que os diferencia de nomes do passado, momento de suma importância foi a tessitura de ensaios de teoria literária para alcançar a legitimidade da literatura negra como vertente literária brasileira conforme citado no parágrafo anterior, assim como a reunião proporcionada pelas três edições dos Encontros de Poetas e Ficcionistas Negros de 1985 a 1987; tal fato, de

certa maneira, estimulou escritoras e escritores a investirem na formação acadêmica, tanto que hoje nomes de destaque da literatura negra possuem títulos de doutorado em Literatura Comparada, (casos de Cuti e Conceição Evaristo);

considerando o fortalecimento da literatura negra brasileira e a profusão de títulos individuais e coletivos no decorrer dos anos 1990, 2000 e 2010; ressaltando que a (publicação coletiva) nem sempre é uma opção, mas, sim, configura-se necessária diante dos altos custos gráficos do nosso País e da recusa das editoras de ter em seus catálogos obras que discutam abertamente a discriminação racial;

considerando a quantidade crescente de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre a literatura negra brasileira e seus agentes;

considerando a inserção de títulos de literatura negra brasileira em vestibulares de universidades federais, tais como "Cadernos Negros – melhores poemas" na UFBA e "Ponciá Vicêncio" de Conceição Evaristo na UFMG;

considerando que Cadernos Negros completa 36 anos de publicações anuais e com mais de uma centena de escritores lançados;

considerando a existência do portal Literafro, organizado pelo Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte junto à Faculdade de Letras da UFMG, que reúne mais de duas centenas de escritores negros brasileiros com biografias, textos críticos e excertos de literatura;

considerando o lançamento no ano de 2011 de "Literatura e Afrodescendência no Brasil", antologia organizada por Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca, sob a chancela da Editora UFMF, edição luxuosa em quatro volumes, distribuída em quase duas mil páginas, que reuniu 61 pesquisadores do Brasil e do exterior analisando as obras de cem escritores negros desde o século XVIII aos dias atuais, sucesso de público e crítica, tendo sido eleita entre os dez melhores lançamentos de literatura no ano de 2011 pelo "Segundo Caderno" do jornal O Globo;

considerando que a literatura negra brasileira, com os seus artífices, atua diretamente no combate à discriminação racial, promove a constituição de um público leitor negro, busca a conscientização do leitor negro elevando sua autoestima, valoriza a oralidade ancestral negra, valoriza a memória dos seus mais velhos como forma de conhecimento e aprendizagem, valoriza as religiões de matriz africana, atinge o léxico de nosso idioma ao

incorporar no corpo do texto palavras originárias de diferentes etnias africanas e o falar da população negra das camadas populares, insere a necessidade do debate acerca das rasuras da história ao subverter as narrativas oficiais, impõe a discussão do cânone literário brasileiro que exclui o(a) negro (a) escritor(a) e trata as personagens negras em seus textos de forma estereotipada e em posições sociais subalternas, isso quando não as exclui completamente do texto literário;

considerando a pouca disseminação da literatura negra brasileira no mercado editorial, nas livrarias, nas bienais e feiras do livro, nos cadernos e prêmios literários, nas seleções de livros paradidáticos, nos currículos da educação básica e das disciplinas de graduação dos cursos de Letras, ainda que exista a Lei 10.639/2003 e a obrigatoriedade do ensino de História e culturas africanas e afro-brasileiras em todo o âmbito escolar, Lei que não vem sendo cumprida apesar dos esforços de educadores, professores e demais pesquisadores que lutam contra o epistemicídio reinante na educação brasileira, incapaz de respeitar a diversidade e pluralidade étnica de sua população;

considerando que o escritor Luiz Gama (1830-1882), soteropolitano, negro liberto quando criança, depois vendido como escravizado pelo próprio pai, aprende a ler de forma autodidata, torna-se advogado e defensor ferrenho da Abolição, comprando a alforria de diversos escravizados, o que o configura como legitimo “Poeta dos Escravizados”, é uma personalidade ostracizada em Salvador, como já foi dito, sua cidade natal,

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

INDICA:

Ao prefeito, a designação do dia 21 de junho, data de nascimento de Luiz Gama, como o Dia Municipal da Literatura Negra, como forma de combate ao racismo institucional e à discriminação de negras e negros na cidade de Salvador.

Sala das Sessões, 23 de outubro de 2013.
LUIZ CARLOS SUICA